

ENTRE O VERBAL E O NÃO VERBAL: MEMÓRIA E ENCENAÇÃO DISCURSIVA DA CORRUPÇÃO EM VEJA

Maria da Conceição FONSECA-SILVA (UESB)
con.fonseca@gmail.com

A mídia pode ser definida como um lugar que funciona como um lugar de memória discursiva e como lugar primordial de fabricação do espetacular e veiculação de espetáculos políticos, entre outros. A política, segundo Debord (1967) e Schwartzberg (1978), desenvolve-se nas sociedades espetacularizadas. Observamos que na espetacularização midiática da política no Brasil, acentuada nos anos 90 do século XX, a encenação discursiva da corrupção apresenta-se de maneira ostensiva e com caráter “escandaloso”.

Da perspectiva da Análise de Discurso, interessa-nos investigar e analisar, no entrecruzamento entre o verbal e o não-verbal de capas da revista *Veja*, a encenação discursiva da corrupção na abertura política e na chamada nova democratização brasileira, bem como o modo pelo qual a memória irrompe reatualizando os sentidos sobre a corrupção nesses períodos.

Para Pêcheux (1983), tanto as materialidades verbais quanto as não verbais, como a imagem, não são legíveis na sua transparência, porque são atravessadas por um discurso. Partindo do pressuposto de que esse periódico semanal, como prática discursiva institucional, funciona como *locus* de representar a realidade, constituí-la e refletir as práticas sociais e discursivas do cotidiano do século XX e início do século XXI, perguntamos, inicialmente: Das capas das edições de *Veja* que circularam no processo de abertura política e na chamada nova democratização brasileira, quantas são dedicadas ao tema escândalos e corrupção? Os resultados das análises indicam que:

No período de março de 1974 a agosto 1989, a revista dedicou cento e quinze capas à política no Brasil. Dessas, vinte a escândalos e corrupção: nove no

Governo Geisel; dez no Governo Figueiredo; seis no Governo Sarney. No período de setembro de 1989 a março de 2008, a revista dedicou duzentos e vinte e oito capas à política no Brasil. Houve cento e noventa e oito escândalos, sendo dezenove casos de escândalos corrupção no Governo Collor; trinta e um casos no Governo Itamar; quarenta e seis casos nos Governos FHC; e cento e dois casos nos Governos Lula: setenta e três no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2005; e vinte e nove no período de janeiro de 2007 a março de 2008.

Observamos que o número de escândalos políticos e o número de escândalos políticos espetacularizados e encenados nas capas de *Veja* não coincidem, seja porque nem todos os escândalos ocorridos são encenados e nas capas seja porque um escândalo pode aparecer encenado na capa de mais de uma edição.

As análises preliminares das capas de *Veja* indicam que, na encenação discursiva da corrupção no período de abertura e na chamada nova democracia brasileira:

- todos os governos foram afetados por crimes de corrupção, desde uma simples obtenção e doação de favores como acesso privilegiado a bens ou serviços públicos até o pagamento superfaturado de obras e serviços públicos para empresas privadas em troca do retorno de um percentual do pagamento para o governante ou para o funcionário público que determina o pagamento;

- os escândalos de corrupção encenados nas capas ocorrem tanto na esfera privada quanto na pública – burocrática e política;

- os escândalos de corrupção política encenados, discursivizados e espetacularizados nas capas analisadas, envolvem posições de poder, estabelecidas no jogo político normal da sociedade, que permitem atos ilegais contra a sociedade como um todo;

- a corrupção política só é visualizada quando vira escândalo na mídia; e a articulação pública do discurso denunciatório é a condição final para que uma corrupção se transforme em um escândalo;

- os escândalos de corrupção encenados discursivamente nas capas analisadas envolvem instituições como justiça, instituições políticas e policiais; apresentam desenvolvimento temporal: começo e fim; e podem deixar de ser encenados quando há uma confissão, um inquérito oficial e um julgamento; ou quando deixam de despertar interesse público;

- a corrupção encenada nas capas analisadas é um fenômeno social de múltiplas dimensões, cuja compreensão requer o conhecimento de conceitos e postulados de várias ciências, principalmente das ciências sociais, reconfigurados e ressignificados no quadro teórico da AD.

Referências

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo - Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD et alii. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. Edição original: 1983.

SCHWARTZENBERG, R-G. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.